

O perfeito homem de ciência

Tristão de Athayde

Joaquim da Costa Ribeiro, o nosso Costinha, como familiarmente o tratávamos, era, realmente, uma criatura excepcional. Nêles se reuniam três qualidades raramente encontradas em uma só pessoa: o gênio científico autêntico; uma sensibilidade estética que já passara do domínio do apurado bom gosto ao da própria criação poética e a mais alta e definida espiritualidade do homem de Fé.

Quando cheguei à Sorbonne, em 1950, aí encontrei os ecos de sua passagem. Fora ali falar, no ano anterior, sobre o famoso efeito dielétrico, que tomou o seu nome na Física Universal e causara tal impressão que todos só me falavam dele. Muitos são, de todas as partes do mundo, os que vão ali falar. Mas pouquíssimos aqueles de quem se continua a falar. Desde os bancos do Santo Inácio, revelou a sua inclinação espontânea pelas ciências exatas. Nunca variou. Nunca se desviou da sua vocação. Aprofundou-a, ao longo do pouco mais de meio século que logrou viver, sem nunca se deixar vencer pela dupla tentação do amadorismo ou da especialização enclausurada. Foi, por isso mesmo, um modelo exemplar de homem de ciência, modesto, desinteressado, manso de voz e gestos, com seu invariável cachimbo à boca e aquela cabeça leonina de tipo einsteiniano.

De uma de suas voltas da Europa, fêz-nos, no Centro Dom Vital, uma preleção, com dispositivos por ele mesmo fixados e preparados, sobre os vitrais da Catedral de Chartres, que Pégny ou Bernanos ouviriam com deleite. A Idade Média surgia, de suas palavras e de suas projeções, com um esplendor e uma vivacidade, que faziam renascer idades mortas. E que, nêles, o homem de ciência mais especializado nos meandros da moderna Física Nuclear, não apagara a chama de artista, de homem de fé e, acima de tudo, do homem bom, simples, humano, modelo de pai e de esposo.

O primeiro poema de sua autoria e da mais pura beleza, que tive a alegria de ler, foi escrito enquanto nascia a sua primeira filha. Era a emoção da paternidade traduzida em versos de alta sensibilidade e numa forma nova e livre. Como o foram, muitos anos mais tarde, quando a morte lhe arrebatou o gosto de viver, levando-lhe a

companheira, os versos que deixou inéditos. Dizia mesmo, recentemente, que só deviam ser publicados depois de sua morte. Nêles deixava translúcida a sua alma de extrema sensibilidade, que a familiaridade quotidiana com a mais alta matemática jamais tornara impermeável à beleza e ao mistério. Sabia rir, como todo homem de espírito. Sabia brincar com os filhos, os nove filhos que a sua Jasquelina e ele souberam educar primorosamente e cresceram precocemente amadurecidos pelo fogo do infortúnio. Jamais a vida lhe foi fácil. Lutou por ela desde moço. Vivia preocupado com o fim do mês, procurando bicos para que à ninhada não faltasse o necessário. Pois jamais cuidou do supérfluo. E, no entanto, nunca tinha um momento de mau humor ou de revolta. Mesmo quando o vento desfolhou, da mais bela das flôres, a sua roseira doméstica, não blasfemou. Apenas dobrou a cabeça. E, por um tempo, afastou-se do laboratório. Mas nunca do oratório. Ultimamente, mesmo, voltara àquele. Passava nêles os seus dias, desde que regressou da sua missão a Viena, entre a elite dos físicos modernos. E, preparando-se para se unir, em Nova Iorque, a outra turma desses homens silenciosos que estão hoje penetrando no âmago, como ele o fazia, das mais obscuras partículas de que se constitui o segredo da matéria universal. Mas, ao mesmo tempo que *presidia*, em Paris, conferências científicas, como ainda o fêz o ano passado, ou no Cairo sofria o primeiro aviso da irmã morte, enquanto discutia com sábios egípcios, à sombra das pirâmides, problemas de metamatemática, preocupava-se ardentemente com o problema argelino ou com a radioatividade dos minérios de Minas Gerais, ou sonhava com o dia de conhecer o primeiro neto que lhe nasceria em terras de tio Sam! Homem universal. E simples como uma criança. Bom como água fresca. Coração sem jaça. Humildade perfeita de autêntico homem de ciência. Despreocupação deliciosa de autêntico poeta, embora bissexto. Grandeza de alma, em face da desgraça e da vida dura, como autêntico homem de fé.

Quando entrei para a Faculdade de Filosofia, tive a honra de ser por ele saudado, com a expressão intenção, como o disse nas suas palavras de

(Conclui na página 10)

O perfeito homem de ciência

(Conclusão da página 3)

boas-vindas, de mostrar como a Universidade deve ser a casa comum em que se entrelaçam as letras e as ciências, os dois espíritos do humanismo. Nêles se completavam perfeitamente o *esprit de géométrie* e o *esprit de finesse*, apenas sem a angústia pascaliana. Não era um inquieto. Muito menos um angustiado. Nesse ponto, nada tinha do homem moderno. Conciliava, harmoniosa-

mente, aquelas três fontes cristalinas que borbulhavam incessantemente em sua personalidade inconfundível — o homem de ciência, o homem de arte, o homem de fé. Mais do que tudo isso, era um homem simples, no mais belo sentido da expressão. E que morreu discretamente como viveu, apertando apenas mais fortemente o braço de um amigo, no auge da dor que o levou à alegria do reencontro, que já lhe tardava tanto!